

“VIDAS SECAS” - O ROMANCE DE 1938

O Dia – 24 de junho de 1938.

Cansados e famintos dentro da planície avermelhada, entre juazeiros e catinga rala, depois de um dia inteiro de caminhada fatigosa, arrastando devagar o fardo de um destino pesado, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, e Fabiano sombrio, cambaio o aiol à tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro, caminhavam, caminhavam após três léguas de caminhos já vencidos. “A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O vôo negro dos urubus fazia círculos altos em redor de bichos moribundos”. Na véspera eram em seis o número dos vivos. A fome, ao correr demorado do tempo sem fim, apertava demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Fabiano procurara raízes; o resto de farinha acabara, não se ouvia um berro de rez perdida na catinga. As manchas dos juazeiros longínquos apareciam e desapareciam, aproximavam-se, recuavam, sumiam-se. “Fazia tempo que não viam sombra”. Os calcanhares tornaram-se duros como cascos, gretavam-se e sangravam. Fabiano pensava e delirava, no horror do deserto, sem esperança. Sinhá Vitória pensava em acontecimentos antigos: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Fabiano pensava e delirava, envolto na tragédia da paisagem. “Num cotovelo do caminho avisou um canto

de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentido desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força”. Uma alegria louca dominou o coração de Fabiano. “Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores”.

II

Mudança de cenário. O panorama já não é o mesmo. É outro o panorama. Há mais alegria, mais vida, comida para a família inteira. Eram todos felizes. Sinhá Vitória sentia uma saia larga de ramagens. As roupas de sinhá Vitória provocariam a inveja de outras caboclas. Baleia não mais jantaria os pés, a cabeça, os ossos do amigo Papagaio. Os dias eram outros. O tempo passava mais rápido. Já era possível pensar mais a sério na vida. Os filhos não mais dormiriam em folhas secas, cobertos com molambos. Sinhá Vitória estava alegre. Fabiano cantava, a voz não era mais rouca, nem medonha, podia gastar forças. Tudo mudara. Esqueceu fome, cansaça, ferimentos. Voltaram a conversar. As vermelhidões do poeta já eram poesia. Poesia por toda parte. Sinhá Vitória engordava. As mãos de sinhá Vitória não mais sentiriam a magreza cadavérica dos joelhos ossudos. Havia água, água demais, água de afogar gente, com água muita esperança. “E Fabiano esfregava as mãos. Não havia o perigo da seca imediata, que atemorizava a família durante meses”. Fabiano sentia-se capaz de atos importantes. A felicidade estava chegando, depois de lutas, sofrimentos, a comida vinha trazendo a felicidade pela frente.

III

Mais um Natal passou com festas. Fabiano, Sinhá Vitória, com os filhos, foram até a cidade ver o Natal. Tudo mais bonito, mais sério, ninguém sentia fome. Baleia não mais lembrava do papagaio que ficara em ossos no deserto esquecido. Fabiano ficou forte, feliz, crescia, já desafiava soldado amarelo. Ganhou valentia. Baleia, porém, é que não ia bem. Estava emagrecendo, o pêlo caindo pelo corpo todo. Fabiano amarrou no pescoço do cachorro um rosário de sabugos de milho queimado. Mas Baleia morreu. Era o destino. Baleia não podia viver eternamente.

Com Baleia foi embora a felicidade. Novamente a indecisão do futuro. Toca a caminhar, nova volta ao sertão bruto, ao deserto em fogo. Sinhá Vitória sonhava uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. “Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois, Fabiano e Vitória, velhinhos, acabando-se como Baleia, como uns cachorros inúteis”. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos”.

IV

Eis aí uma admirável tragédia das secas. Graciliano Ramos é o romancista. “Vidas Secas”, o maior e o mais extraordinário romance de 1938. Aqui podemos avaliar a enormidade da luta entre a natureza e o homem. “Vidas Secas” é um testemunho fervoroso do sofrimento do homem brasileiro. Depois de José Américo e Rachel de Queiroz – só Graciliano Ramos. Imaginemos nós, aqui de longe, de remanso delicioso de nossos quietos gabinetes de leitura, o que seja a vida do homem rude do Brasil! Essas levadas imensas, tristes de retirantes, abandonando suas casas, suas terras, suas lavouras bem cuidadas, abandonando paisagens que falam ao coração e ao sentimento! A dureza do sol, a fome, a falta d’água, um indefinível drama humano! “Vidas Secas” é um livro doloroso. Doloroso para quem ama o Brasil e sente a tragédia do homem brasileiro do nordeste. Porque o drama, intenso, de sangue, não é só do nordeste, é do Brasil inteiro. Não é o espetáculo da fome, de quadros de pavores indescritíveis, de multidões de desgraçados, a visão de caminhadas longas e sem destino, que valorizam o romance de Graciliano Ramos. É a dor que faz o romancista fugir do patético e atingir a realidade. Caem as chuvas e vem a transfiguração. A beleza dos quadros está sintetizada acima. Graciliano comove, aperta o coração. “Vidas Secas” é o seu maior romance. Depois da chuva vem nova prosperidade. Tudo vai bem enquanto chove. Basta água para haver felicidade. No capítulo final, Graciliano afirma os pendores de grande romancista. Um intelectual que vale o nome que carrega. Um espírito que compreende o sofrimento e sabe interpretar a dor daqueles heróis desconhecidos, ignorados dos gozadores e dos sibaritas.

V

Fui eu quem primeiro falou de Graciliano Ramos no Paraná. Li “Cahetés” e saí entusiasmado para a rua, contar o que li. Foi a mesma impressão que me trouxe a leitura de “Bagaceira”. Eu também bem sofro um pouco sabendo que há ainda gente que sofre no Brasil. Depois veio “S. Bernardo”. Disse pelo “O DIA” o que se pode dizer de um grande romance, de um romance escrito com o coração. “Angústia” me impressionou menos. Não sou lá muito amigo de tragédias íntimas. Detesto fantasias interiores. Interiorizações pachorrentas, sem interesse. Pouco nobres e sem elevação. Esse “Vidas Secas”, porém, fica longe de tudo isso. É bem perto de “Bagaceira”. Há quem não considere José Américo um grande romancista. Não acredito, no entanto, que haja alguém que não considere “Bagaceira” o maior romance moderno do Brasil.

Quando faço crítica evito sempre o elogio fácil. Está no meu método traduzir o pensamento do autor, para depois, dizer o que sinto e penso. Com “Vidas Secas” vou além. Aconselho a leitura. Não para frívolos e desinteressados. Mas para os espíritos sérios e atentos aos grandes fatos humanos. Não é um livro para quem não saiba pensar e sentir. Não fica bem em qualquer mão. Sei que muitos o detestarão. Outros nada compreenderão. Aconselho a leitura para aqueles que sentem um Brasil e trazem dentro do peito um coração em vida. Nele não há cenas espetaculares, não há coruscações de eloquência mórbida, não há encontros eróticos – há o homem que sofre do Brasil.